

DOMINGO DE RAMOS E DA PAIXÃO

Eram muitos os que afluíam a Jerusalém para celebrar a Páscoa, a grande festa dos judeus.

Vinham, normalmente, em grupo: a família, mais ou menos alargada, os vizinhos, amigos...

E os que viviam em Jerusalém ou que já tinham chegado, acolhiam-nos sempre com alegria, com cânticos, saudando a sua vinda.

Havia sempre grupos mais numerosos que chamavam mais a atenção, como parece ter sido o caso de Jesus. E, quando isso acontecia, espontaneamente as pessoas perguntavam-se quem seriam, de onde viriam... A pergunta curiosa “*Quem é Ele?*” é natural naquela situação.

Mas, ao mesmo tempo, é uma pergunta que atravessa todos os Evangelhos, que nos remete para todas as situações em que ela se pôs na vida de Jesus a todos os que se cruzavam com Ele. Foi uma pergunta sempre presente, motivada pela novidade absoluta de Jesus e que continuará sempre por responder, por ser compreendida plenamente, com todas as suas consequências, no coração e na vida de cada um de nós.

A Igreja sempre viu nesta entrada festiva de Jesus em Jerusalém um reconhecimento de Jesus como sendo o nosso Messias, o nosso Salvador, Aquele que vem até nós em nome de Deus: “*Bendito o que vem em nome do Senhor*”, Aquele que nos vem salvar do jugo da morte, montado num jumentinho, “*animal sujeito a jugo*”.

Este dia é como que um condensado de toda a vida pública de Jesus.

Jesus começou por juntar em redor de Si multidões cada vez mais numerosas, entusiasmadas com as suas palavras, reflexo de um ensino diferente (“*ensinava com autoridade e não como os escribas e fariseus*”, que quase se limitavam a repetir a Lei, como nos dizem os Evangelhos) e sobretudo com os milagres (que vistos com os olhos de fé são apenas sinais que remetem para o grande milagre que é fazer acontecer em nós a Vida que Deus é).

Mas a pouco e pouco essas multidões foram percebendo que Jesus não era aquele Messias terrenos que eles esperavam, nem aquele mágico que eles queriam que fosse e que os curasse e livrasse de tudo o que, no imediato do presente os apoquentava.

E foram deixando de andar com Ele. Não só os curiosos, mas também aqueles que de início O seguiam de terra em terra. A debandada foi tão grande que ficaram apenas os discípulos mais íntimos, os Doze, que mesmo sem perceberem quase nada do que Jesus dizia, conheciam-n’O suficientemente bem para perceber, como diz Pedro, que só Ele “*tem palavras de vida eterna!*”.

O abandono de Jesus entrou numa espiral de rejeição que a dada altura se tornou claro para Jesus que a Sua morte seria uma morte violenta e começou a falar disso aos discípulos, sobretudo a partir do momento em que “*tomou a decisão firme de ir para Jerusalém*” (que, aos olhos da fé, mais do que uma cidade concreta é sinónimo do coração de Deus para que todos fomos criados).

É por isso que o Domingo de Ramos é também Domingo da Paixão: porque esta Semana Maior de Jesus é o culminar de toda a Sua vida. Resume toda a Sua vida pública, do encanto e do calor das

multidões à experiência da incompreensão, da rejeição e da solidão. É a consumação da Sua missão: *“Tudo está consumado”* são, segundo São João, as últimas palavras de Jesus na Cruz.

O Domingo de Ramos fala-nos da certeza de que *“este homem é na verdade o Filho de Deus!”*, como disse o centurião ao ver a forma como Jesus morreu.

Mas, ao mesmo tempo fala-nos do mistério da Cruz dizendo-nos que o Amor que Deus é sempre, na nossa condição humana, um Amor crucificado.

O mistério da Cruz, mistério de Amor que transcende infinitamente tudo o que possamos imaginar, tem uma face de sofrimento que nos é muito difícil de compreender e, por isso mesmo, de aceitar. É por isso que Jesus diz aos seus discípulos *“Um de vós há-de entregar-me”* e ainda *“Todos vós, esta noite, vos escandalizareis por minha causa”*.

A Cruz é, de facto, um escândalo, difícil de ser compreendido e, por isso mesmo, acolhido.

E todos nós entregamos Jesus quando Lhe viramos as costas e escolhemos outros caminhos de vida, na maioria dos casos iludidos, tentando buscar a felicidade longe d’Ele...

Mesmo que em dados momentos da nossa vida, percebendo como Jesus é tão importante para nós, sejamos capazes de dizer, com toda a verdade, como Pedro, *“ainda que tenha de morrer contigo, não Te negarei!”*, dali a pouco estaremos também como Ele a dizer, por palavras ou sobretudo por obras, *“não conheço tal homem!”*.

O segredo da vida de Jesus, o segredo de, como homem, nos *“amar até ao fim”*, foi a Sua união íntima com o Pai. Aqueles momentos de extrema tristeza e angústia que Ele viveu na agonia (= luta) no Jardim das Oliveiras foram vividos em oração! Uma oração que os discípulos, cansados, não foram capazes de acompanhar: *“Nem sequer pudeste vigiar uma hora comigo!”*.

A oração, a nossa união íntima com Deus, será sempre o segredo da nossa fidelidade!!!

Hoje Jesus disse-nos que é no coração de cada um de nós que Ele quer celebrar a Páscoa: *“É em tua casa que Eu quero celebrar a Páscoa com os meus discípulos”*.

É na nossa vida que Jesus quer celebrar a Páscoa: quer que vivamos com Ele e n’Ele, quer que façamos nosso o Seu Amor e, por isso, a Sua Paixão!

E porque estamos a falar de Amor, de relação de pessoas, a nossa Páscoa só pode ser vivida com Jesus se for vivida também com os seus discípulos!

É só em Igreja, com aqueles que partilham connosco a alegria da Vida da Fé e do Amor de Jesus, que a Páscoa pode ser celebrada com verdade!!!

Jesus tem sempre para nós o rosto de cada um dos irmãos que se cruzam connosco, que Ele pôs na nossa vida, para aprendermos com eles o Amor e para sermos para eles a Sua presença a ajudá-los a descobrir a verdade do Amor!

Se não for assim, esse Jesus com quem julgamos encontrar-nos não passa de uma ilusão!...